

Referências Bibliográficas

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

CASTELLS, Manuel. Paraísos comunais: identidade e significado na sociedade em rede. In. *O poder da Identidade*. V. II. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

DA MATTA, Roberto. Digressão: A fábula das três raças, ou o problema de racismo à brasileira. In. DA MATTA, Roberto. *Relativizando*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. Rio de Janeiro: Cortez, 2001.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

GOMES, Nilma Lino. *A mulher negra que vi de perto*. Belo Horizonte: Mazza, 1995.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira e SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. *O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GONÇALVES, Maria Alice Rezende. Brasil, meu Brasil Brasileiro: notas sobre a construção da identidade nacional. In. GONÇALVES, Maria Alice Rezende (Org.). *Educação e Cultura: pensando em cidadania*. Rio de Janeiro: Quartet, 1999.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Classes, Raças e Democracia*. São Paulo: Ed. 34, 2002.

HALL, Stuart. A questão multicultural. In. HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós – modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

JONES, James M. *Racismo e preconceito*. São Paulo: EDUSP, 1973.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1996.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NASCIMENTO, Abdias. Abdias do Nascimento. In. CAVALCANTI, Pedro Celso Uchoa (Coord.). *Memórias do Exílio*. São Paulo: Editora e Livraria Livramento, 1976.

_____, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, Abdias do. *O negro revoltado*. Rio de Janeiro: GRD, 1968.

_____, Abdias. *QUILOMBO: vida, problemas e aspirações do negro*. Edição fac similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento; apresentação de Abdias do Nascimento e Elisa Larkin Nascimento. São Paulo: Editora 34, 2003.

_____, Abdias (Org.). *Teatro Experimental do Negro: Testemunhos*. Rio de Janeiro: GRD, 1966.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. *O Sortilégio da cor: Identidade, raça e gênero no Brasil*. São Paulo: Summus, 2003.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PERES, Maria Alice Guimarães. O rebelde da causa negra. *Revista Eparrei*, São Paulo, n.5, p.29-32, 2º Semestre/2003.

RODRIGUES, Ironides. Diário de um negro atuante. In. *THOTH*. Informe de distribuição restrita do senador Abdias do Nascimento. N. 03 (1997) – Brasília: gabinete do Senador Abdias do Nascimento, 1997.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Joselina da. O clube dos Negros. *Interseções: revista de estudos interdisciplinares*. UERJ – RJ – Rio de Janeiro, nº 1, p. 47-65, 2000.

SILVÉRIO, Valter Robério. Sons negros com ruídos brancos. In. *Racismo no Brasil*. São Paulo: Pierópolis, ABONG, 2002.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se Negro*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

TAVARES, Júlio César (1988). Teatro Experimental do Negro: contexto, estrutura e ação. Rio de Janeiro: *Dionysos*, nº 28: Teatro Experimental do Negro, MINC/FUNDACEN, pp. 80-87.

VIANNA, Hermano Vianna. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

Teses e Dissertações

MARTINS, Angela Maria Souza. *Dos anos dourados aos anos de zinco: análise histórico-cultural da formação do educador no Instituto de Educação do Rio de Janeiro*. (Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Educação – Centro de Filosofia e Ciências Humanas – UFRJ), 1996.

XAVIER, Giovana. *Coisa de Pele: relações de gênero, literatura e mestiçagem feminina (Rio de Janeiro 1880-1910)*, 2005. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, 2005.

Jornais e documentos pesquisados no IPEAFRO

IPEAFRO, Entrevista do Deputado Afonso Arinos realizada ao Jornal Última Hora, em 14 de dezembro de 1951.

IPEAFRO, Nosso Programa, *Quilombo*, dezembro de 1948, pág. 03.

IPEAFRO, 'Teatro de Negros', Ecos e Comentários, *O Globo*, 17 de out. 1944.

IPEAFRO, 'O negro no Brasil'. *O Jornal* – Rio de Janeiro, 03 de setembro de 1950.

IPEAFRO, 'Democracia Racial: a atitude brasileira', Gilberto Freyre, *Quilombo*, 09 de dezembro de 1948, pág.08.

IPEAFRO, 'Absurda a exclusão das domésticas de todas as leis trabalhistas', *Diário Trabalhista*, 05 de julho de 1946.

IPEAFRO, 'Conferência Nacional do Negro: instala-se segunda feira na Associação Brasileira de Imprensa', *Jornal Correio da Manhã*, 07 de maio de 1949.

IPEAFRO, 'O TEN não encontra local de trabalho', *Diário Carioca*, 04 de junho de 1952.

IPEAFRO, 'Teatro Experimental do Negro. Origem – nenhum auxílio do governo – O'Neill para os negros', *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 1946.

IPEAFRO, João Conceição (Tradução), 'KU-KLUX-KLAN: organização terrorista dos Estados Unidos', *Jornal Quilombo*, julho de 1949.

IPEAFRO, 'Instrui e valoriza o negro numa compreensiva campanha cultural', *O Jornal*, Rio de Janeiro, 30 de março de 1949.

IPEAFRO, 'Qual a Boneca de Pixe de 1948?', *Jornal O Radical*, 21 de abril de 1948. Depoimento da candidata Tamara de Oliveira.

IPEAFRO, 'Catty, a 'Boneca de Pixe de 1950'', *Jornal Quilombo*, maio de 1950.

IPEAFRO, 'Instala-se no sábado o Iº Congresso do Negro Brasileiro', *Diário de Notícias*, 24 de agosto de 1950.

IPEAFRO, Iº Congresso do Negro Brasileiro, *Jornal Quilombo*, janeiro de 1950, v. 02, nº 05.

IPEAFRO, 'Solução branca no congresso do negro', *Diário Carioca*, 05 de setembro de 1950.

IPEAFRO, Declaração Final do Iº Congresso do Negro Brasileiro, Regimento Interno, 03 de setembro de 1950.

IPEAFRO, Instalação do Instituto Nacional do Negro (INN), *Jornal Diário Carioca*, 04 de agosto de 1949.

Material Eletrônico.

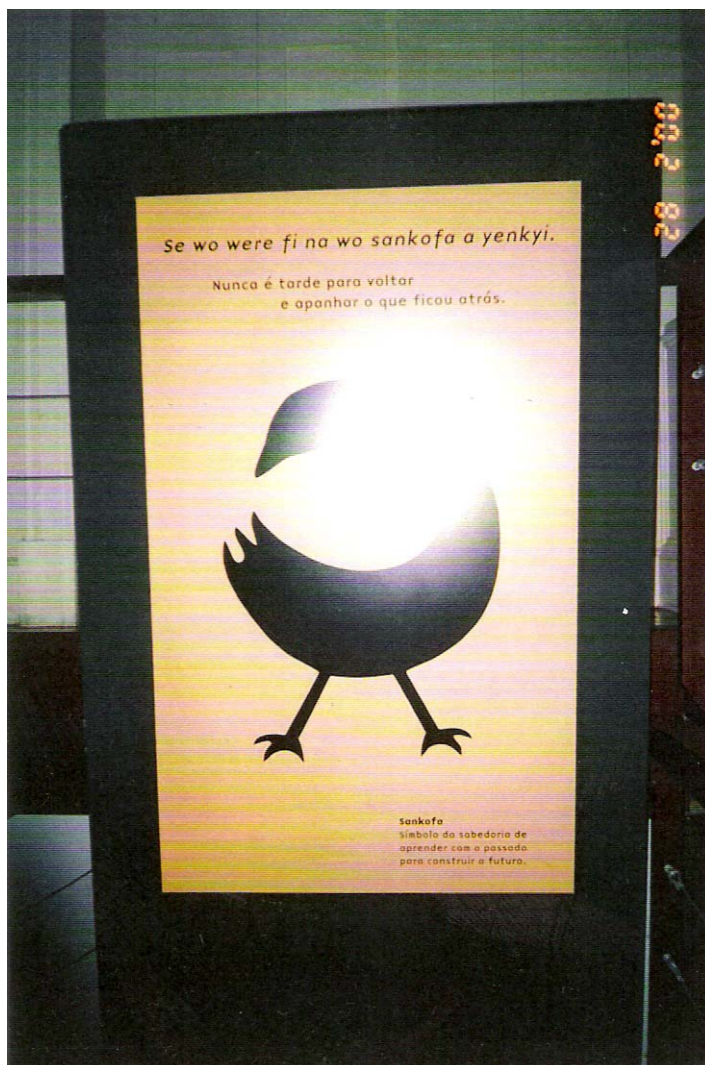
CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Projeto de resolução que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: Ministério da Educação, 2004. Disponível em <http://www.mec.org.br>. Acesso em 21/7/06.

IPEAFRO. Disponível em <http://www.ipeafro.org.br>. Acesso em 22 de julho de 2006.

ANEXOS

Anexo I

Sankofa: “nunca é tarde para voltar e buscar o que ficou atrás”. Símbolo da Exposição Abdias do Nascimento 90 Anos Memória Viva, realizada de 15 de novembro de 2004 a 01 de maio de 2005, no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

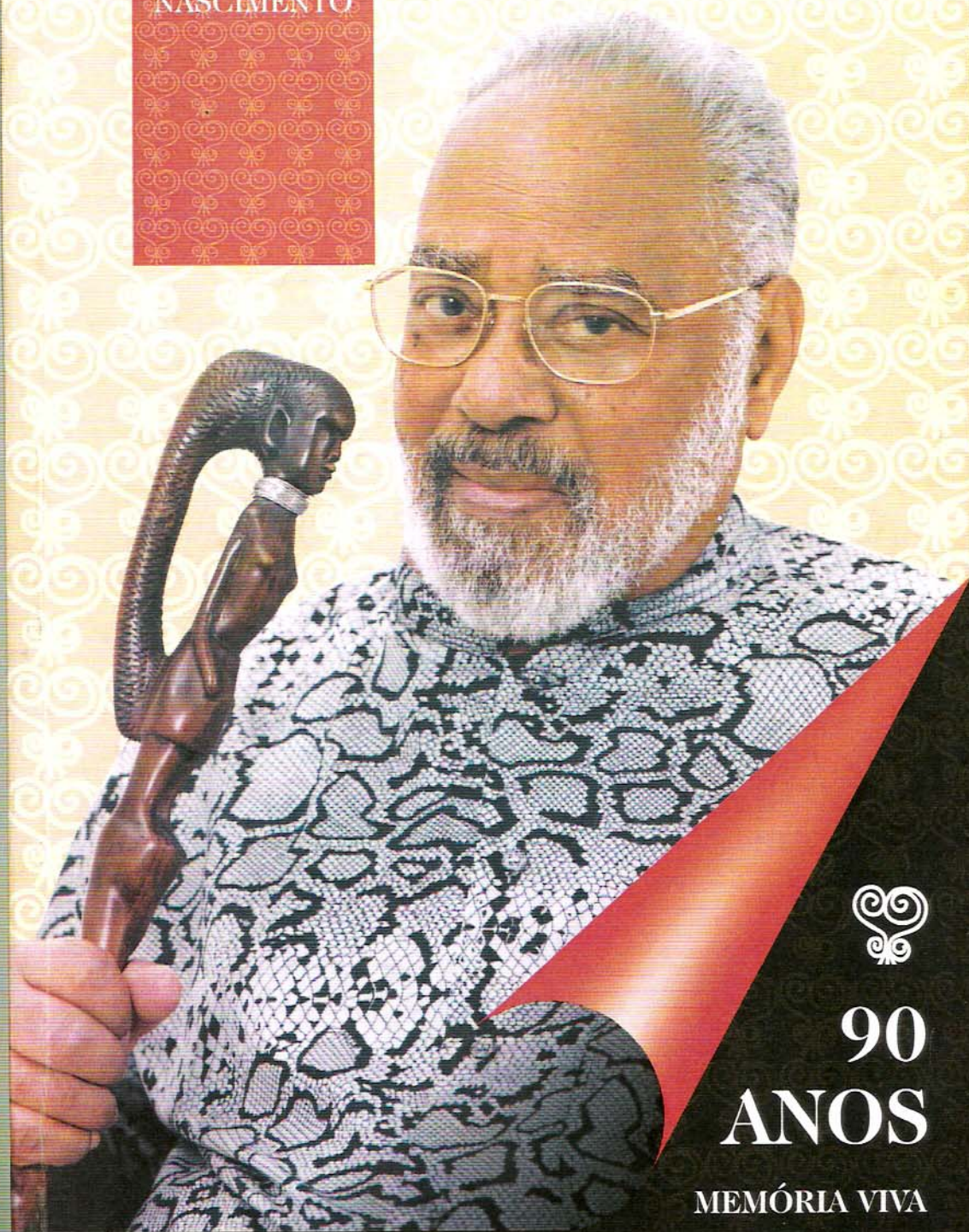


Anexo II

Capa do Catálogo da Exposição, “Abdias do Nascimento 90 anos Memória Viva”, Arquivo Nacional, 15 de novembro de 2004 a 01 de maio de 2005. Foto de Abdias do Nascimento, por Vantoen Pereira Jr.

ABDIAS

NASCIMENTO



90
ANOS

MEMÓRIA VIVA

Anexo III

Capa do Caderno de Resumos do Colóquio Internacional, “Ancestralidade Africana e Cidadania: o legado vivo de Abdias do Nascimento”, Arquivo Nacional, 25 e 26 de novembro de 2004.

ABDIAS

NASCIMENTO



90
ANOS

MEMÓRIA VIVA

Colóquio Internacional

Ancestralidade Africana e Cidadania

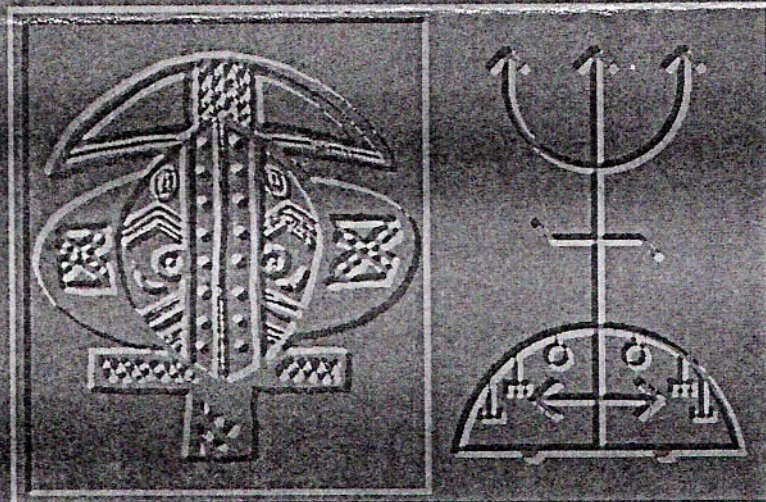
O Legado Vivo de Abdias Nascimento

Arquivo Nacional, Rio de Janeiro
25 e 26 de novembro de 2004

Anexo IV

Folder do IPEAFRO (Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros)

IPEAFRO



Instituto de Pesquisas e
Estudos Afro-Brasileiros

Anexo V

Painéis pertencentes à Exposição “Abdias do Nascimento 90 anos Memória Viva”, de 15 de novembro de 2004 a 01 de maio de 2005 no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Sala do TEN: Atores, atrizes e teatrólogos do Teatro Experimental do Negro.



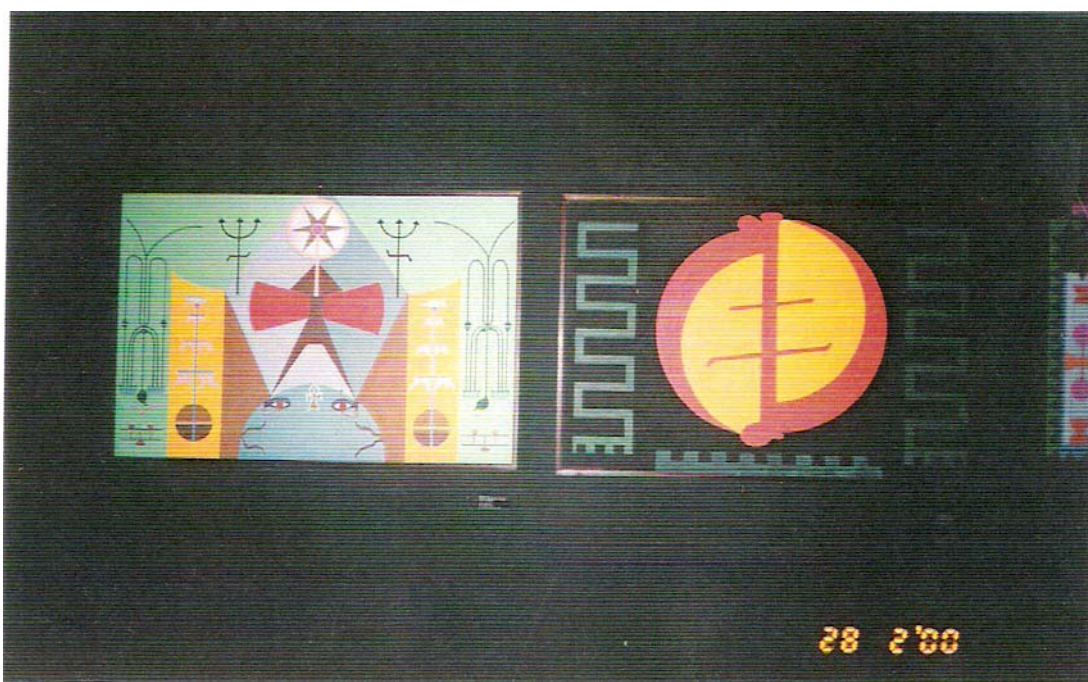
Anexo VI

Fotografia produzida no Arquivo Nacional. Exposição Abdias do Nascimento 90 anos Memória Viva, de 15 de novembro de 2004 a 01 de maio de 2005. Sala do Museu de Arte Negra. Obras pertencentes ao acervo Abdias do Nascimento.



Anexo VII

Fotografia produzida no Arquivo Nacional. Exposição Abdias do Nascimento 90 anos Memória Viva, de 15 de novembro de 2004 a 01 de maio de 2005. Obras de Abdias do Nascimento.



Anexo VIII

Artigo de Gilberto Freyre publicado no Jornal Quilombo, em 09 de dezembro de 1948.
Título: Democracia racial: a atitude brasileira.

Quilombo

Direção de ABDIAS NASCIMENTO

ANO I

RIO DE JANEIRO, 9 DE DEZEMBRO DE 1942

N.º 1

DEMOCRACIA *Racial*

A ATITUDE BRASILEIRA

por GILBERTO FREYRE

Especial para QUILOMBO

NAO ha exagero em dizer-se que no Brasil vem se definindo uma democracia étnica contra a qual não prevaleceram até hoje os esporádicos arianismos ou os líricos, embora às vezes sangrentos melanismos que, uma vez por outra, se teem manifestado entre nós. Ha decerto entre os brasileiros preconceitos de côr. Mas estão longe de constituir o ódio sistematizado, organizado, arregimentado, de branco contra preto ou de ariano contra judeu ou de indígena contra europeu, que se encontra noutros países de formação étnica e social semelhante à nossa.

Entre nós, os indivíduos de evidente origem africana não se sentem "africanos" ou "negros", mas brasileiros: tão brasileiros quanto os mais puros descendentes de índios; tão brasileiros quanto os filhos de portugueses. E o mesmo é certo de brasileiros descendentes de israelitas. De um deles, homem ilustre, se conta que só viajando na Europa veio a aperceber-se do fato de que descendia de israelita. Sua única consciência, por assim dizer étnica, era a de brasileiro. E todos conhecem as palavras celebres de José do Patrocínio num dos seus eloquentes discursos: "Nós, da raça latina". Era da "raça latina" que se sentia o notável brasileiro quase preto. Da "raça latina" e não da africana.

Efeito de que, essa predominância nos brasileiros, da consciência de brasileiros, ou de "latinos", sobre a da origem particular de cada um? Efeito do processo de democratização das relações entre pessoas e grupos que se vem verificando entre nós desde dias remotos; e que na época colonial encontrou

em reis e estadistas portugueses e na própria Igreja quem o defendesse contra a política de segregação esboçada aqui, como no Canadá, pelos Jesuítas. Não se trata assim do simples resultado da "indiferença", que seria um característico dos brasileiros em face de todos os problemas mais difíceis com que se teem defrontado mas consequência do cristianismo, porventura mais fraternal que o das gentes européas do Norte, que parece ter condicionado ou inspirado decisivamente a política lusitana de colonização do Brasil, condicionada também pela impressão guardada pelos portugueses do seu contato com um povo superior, de pele escura, como o mouro, pela escassez de mulheres brancas entre os primeiros colonos e pelo fato de não terem aqui resistido aos europeus, grupos indígenas de cultura já adiantada como no México e no Perú.

Devemos estar vigilantes, os brasileiros de qualquer origem, sangue ou côr, contra qualquer tentativa que hoje se esboce no sentido de separar, no Brasil, "brancos" de "africanos"; ou "europeus" de "vermelhos", de "pardos" ou de "amarelos", como si o descendente de africano devesse se comportar aqui como um neo-africano diante de inimigos, e o descendente de europeu como um neo-europeu civilizado diante de barbaros. De modo algum. O comportamento dos brasileiros deve ser o de brasileiros, embora cada um possa e até deva conservar de sua cultura ou "raça" materna valores que possam ser úteis ao todo: à cultura mestiça, plural e complexa do Brasil. Inclusive os valores africanos.

Anexo IX

Capa do Jornal Quilombo, em junho de 1949. Uma homenagem à atriz de cinema de Uganda, Eseza Makumbi.

Quilombo

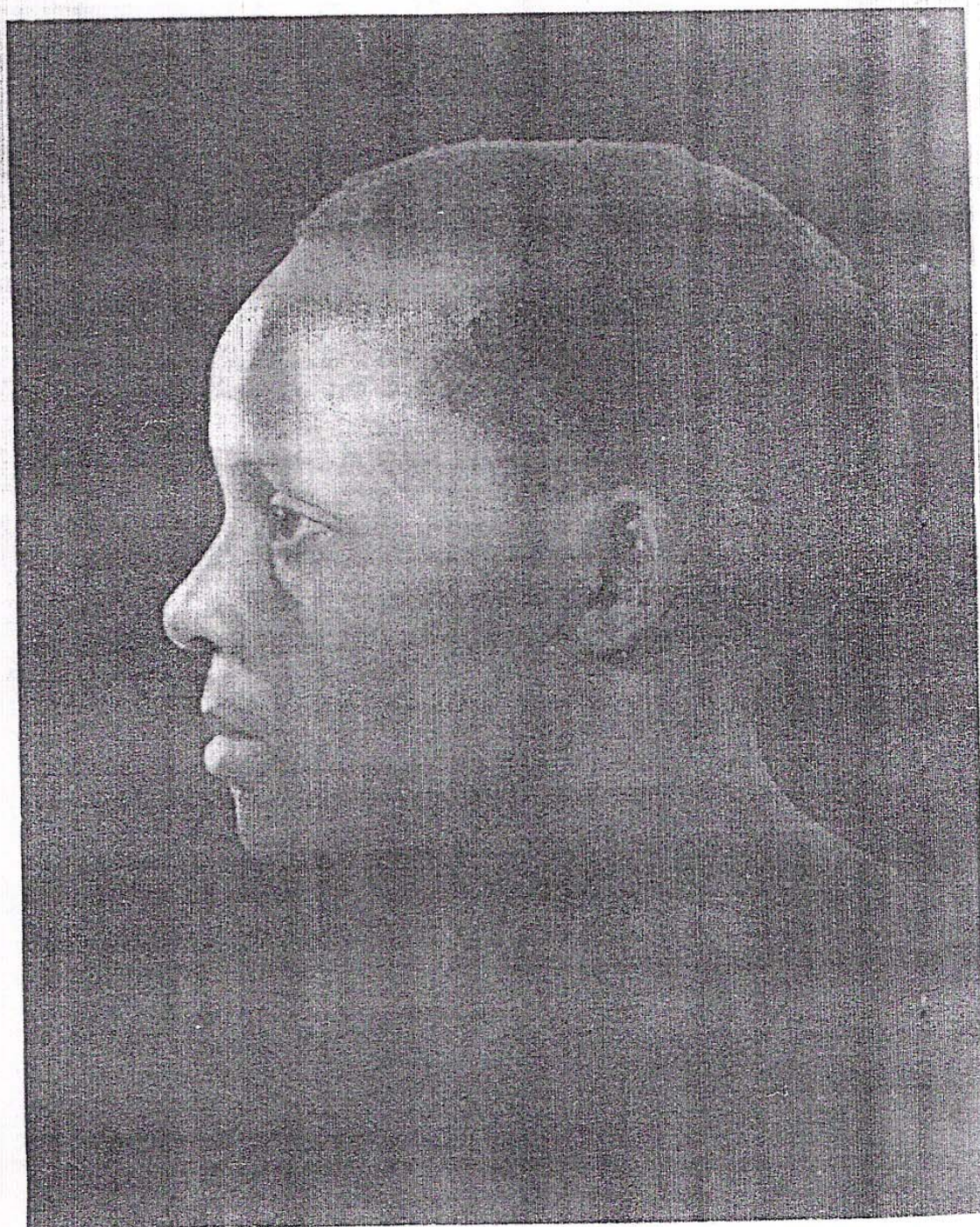
vida, problemas e aspirações do negro

----- Direção de ABDIAS NASCIMENTO -----

ANO I

RIO DE JANEIRO, JUNHO DE 1949

N.º 3



Anexo X

Reportagem do Jornal Quilombo, em junho de 1949. Concurso da “Rainha das Mulatas e Boneca de Pixe”, promovidos pelo Teatro Experimental do Negro.

Quilombo

vida, problemas e aspirações do negro

Direção de ABDIAS NASCIMENTO

ANO I — Rio de Janeiro, Junho de 1949 — N.º 3

Concursos da "RAINHA DAS MULATA" e da "BONECA DE PIXE"



TEREZINHA DE JESUS e DALVA, candidatas fortíssimas ao trono das mulatas no ano passado, fotografadas no jardim de inverno da residência da primeira

Anexo XI

Capa do Jornal Quilombo, em julho de 1949. Uma homenagem à atriz Ruth de Souza, principal elemento feminino do Teatro Experimental do Negro.

Quilombos

vida, problemas e aspirações do negro

Direção de ABDIAS NASCIMENTO

ANO I

RIO DE JANEIRO, JULHO DE 1919

N.º 1



Anexo XII

Reportagem de Maria Nascimento, colunista do “Fala a Mulher”, em julho de 1949, no Jornal Quilombo. Título da reportagem: O Congresso Nacional de Mulheres e a regulamentação do trabalho doméstico.

FALA A

mulher

O Congresso Nacional de Mulheres e a regulamentação do trabalho doméstico

Maria Nascimento

MERECE toda atenção as resoluções votadas em maio último pelas mulheres do Brasil inteiro que aqui se reuniram em congresso nacional. Todos os itens abordados pelas congressistas são de importância básica para a existência, a felicidade e o progresso da mulher, e, consequentemente do povo brasileiro da qual ela é mãe dedicada e sacrificada. Portanto a iniciativa da realização desse conclave só poderia merecer elogios e apoio às suas conclusões que, queira Deus, possam em breve se tornar realidade.

Dentre as importantes resoluções tomadas queremos nos referir àquela que trata da regulamentação do trabalho doméstico. O Congresso, considerando que não existe ainda nenhuma legislação que proteja os direitos das empregadas domésticas e lavadeiras profissionais, houve por bem incluir em suas resoluções a conquista de normas jurídicas que fixem as obrigações e vantagens dessa enorme classe.

E' inacreditável que numa época em que tanto se fala em justiça social possa existir milhares de trabalhadoras como as empregadas domésticas, sem horário de entrar e sair no serviço, sem amparo na doença e na velhice, sem proteção no período de gestação e post-parto sem maternidade, sem creche para abrigar seus filhos durante as horas de trabalho. Para as empregadas domésticas o regime é aquele mesmo regime servil de séculos atrás, pior do que nos tempos da escravidão.

Além desse aspecto puramente econômico, há outro mais doloroso ainda: são as violências morais de que as empregadas domésticas são vítimas frequentes. O desprestígio junto aos órgãos oficiais encarregados de proteger o trabalho lançou as domésticas sob o ignominioso controle policial. Muita gente não sabe que, ao invés da carteira profissional, as domésticas são fichadas na polícia. Assim, sob o disfarce de um serviço de identificação do trabalho doméstico o que se pratica na polícia é o pré-julgamento de que toda doméstica é uma ladra, uma criminosa. E assim mesmo nossa Constituição fala em dignidade do trabalho!

Sei que os "inocentes do Leblon" podem me replicar dizendo que há muita creche, muita maternidade por aí. Mas meus "anjinhos", a totalidade dessas instituições se destina aos comerciários, industriários, bancários e outras classes garantidas pela legislação trabalhista e nunca há uma vaguinha para pobres negras de forno e fogão. As creches existentes não chegam nem para um terço das crianças necessitadas. Quando são ainda de cor — pobres filhinhos de Deus que muito racista afirma serem filhos do diabo — a situação se agrava muito mais.

Acontece porém, que a mulher negra está abrindo os olhos. Durante a escravidão e mesmo agora na República, ela existiu passiva, amamentando "sinhôsinhos" e aos filhos do "seu dotô". Subjugada diminuída, refugiava-se na sua doçura e mansidão natural, sem armas para lutar e resistir aos mais vis assaltos à sua honra e dignidade pessoal. Felizmente esse tempo está passando. Empregada doméstica, funcionária pública, comerciária, industriária, médica, advogada ou mães de família, a mulher negra está aprendendo a andar de cabeça erguida a impôr sua personalidade.

Há muitos problemas, muitas situações a resolver. A regulamentação do trabalho doméstico, porém, é de uma urgência que não admite mais protelações. Devemos todos que somos verdadeiros amigos do nosso povo de cor envidar todos os esforços para conseguir medidas de proteção à essa classe tão laboriosa, humilde, sofredora e indispensável.

Anexo XIII

Capa do Jornal Quilombo, em janeiro de 1950. Uma homenagem à musicista e literata do mundo norte-americano Philippa Schuyler.

Quilombo

vida, problemas e aspirações do negro

ANO II

Direção de ABDIAS NASCIMENTO
RIO DE JANEIRO, JANEIRO DE 1950

N.º 5



Anexo XIV

Capa do Jornal Quilombo, em fevereiro de 1950. Uma homenagem à bailarina norte-americana radicada na França, Josephine Baker.

Quilombo

vida, problemas e aspirações do negro

ANO II

Direção de ABDIAS NASCIMENTO
RIO DE JANEIRO, FEVEREIRO DE 1950

N.º 6



Anexo XV

Capa do Jornal Quilombo, em abril de 1950. Uma homenagem à primeira bailarina negra do Corpo de Baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, Mercedes Batista. Eleita em 1948 a Rainha das Mulatas, concurso de estética promovido pelo Teatro Experimental do Negro.

Quilombo

vida, problemas e aspirações do negro

Direção de ABDIAS NASCIMENTO

ANO II

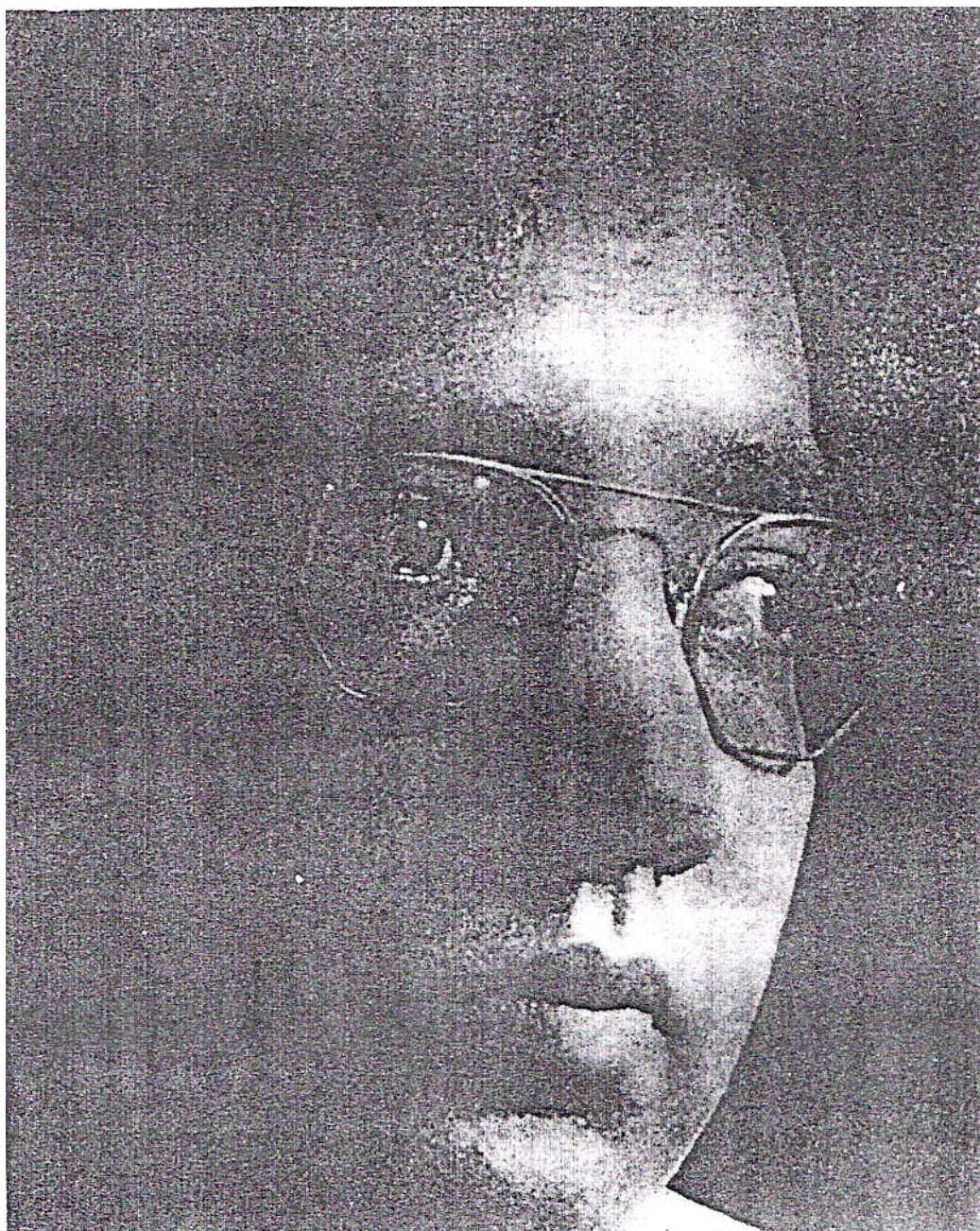
RIO DE JANEIRO, MARÇO e ABRIL DE 1950

Ns. 7-8



Anexo XVI

Guerreiro Ramos, sociólogo, no Jornal Quilombo em maio de 1950.



Anexo XVII

Declaração Final do Iº Congresso do Negro Brasileiro (1950).

Declaração Final do Iº Congresso do Negro Brasileiro (1950)

“Os negros brasileiros, reunidos no seu primeiro Congresso de âmbito nacional, promovido pelo Teatro Experimental do Negro, identificados com os destinos de sua Pátria, em todas as suas vicissitudes, como elemento integrante e solidário do povo, e no desejo de se unirem cada vez mais nesse todo de que são partes, declaram”:

O abandono a que foi relegada depois da abolição e a estrutura econômica e social do país são as causas principais das atuais dificuldades da camada de cor da nossa população. Os problemas do negro são apenas um aspecto particular do problema geral do povo brasileiro, e que não será possível separa-los sem quebra da verdade histórica e sociológica. Desta maneira, a fim de remediar tal situação, considera este Congresso necessários o desenvolvimento do espírito associativo da gente de cor, a ampliação da facilidade de instrução e de educação técnica, profissional e artística, a proteção à saúde do povo e, em geral, a garantia de oportunidades iguais para todos na base da aptidão e da capacidade de cada qual.

O Congresso recomenda, especialmente:

- a) O estímulo ao estudo das reminiscências africanas no País bem como dos meios de remoção das dificuldades dos brasileiros de cor e a formação de Institutos de Pesquisas, públicos e particulares, com esse objetivo;
- b) A defesa vigilante da sadia tradição nacional de igualdade entre os grupos que constituem a nossa população;
- c) A utilização de meios indiretos de reeducação e de desrecalcamento em massa e de transformação de atitudes, tais como o teatro, o cinema, a literatura, e outras artes, os concursos de beleza, e técnicas de sociatria;
- d) A realização periódica de Congressos Culturais e Científicos de âmbito internacional, nacional e regional;
- e) A inclusão de homens de cor nas listas de candidatos das agremiações partidárias, a fim de desenvolver sua capacidade política e formar líderes esclarecidos, que possam traduzir, em formas ajustadas às tradições nacionais, as reivindicações das massas de cor;

- f) A cooperação do governo, através de medidas eficazes, contra os restos de discriminação de cor ainda existentes em algumas repartições sociais;
- g) O estudo, pela UNESCO, das tentativas bem sucedidas de solução efetiva dos problemas de raças, com o objetivo de prestigia-las e recomendá-las aos países em que tais problemas existam;
- h) A realização, pela UNESCO, de um Congresso Internacional de Relações de Raças, em data tão próxima quanto possível.

O Congresso condena, veementemente, considerando ameaças a tranqüilidade da família brasileira:

- a) A exploração política da discriminação de cor;
- b) As associações de cidadãos brancos ou negros organizadas sob o critério do exclusivismo racial;
- c) O messianismo racial e a proclamação da raça como critério de ação ou como fator de superioridade ou inferioridade física, intelectual ou moral entre os homens;
- d) Os processos violentos de tratamento dos problemas suscitados pelas relações interétnicas.

Para a boa execução destas medidas, torna-se necessária a vigência das liberdades públicas asseguradas pela Constituição. E, para vencer o despreparo com que as massas negras foram introduzidas na vida republicana depois da Abolição e dar-lhes os estilos de comportamento do cidadão numa democracia, recomenda este Congresso o apoio oficial e público a todas as iniciativas e entidades que visem adestrar os brasileiros de cor para a maior, mais rica, e mais ativa participação na vida nacional”.

Anexo XVIII

Entrevista realizada com Abdias do Nascimento em fevereiro de 2006.

Roteiro com algumas questões para entrevista com Abdias do Nascimento:

- 1) De acordo com alguns autores, a “educação era uma bandeira de luta do TEN”. Por que? Como o senhor (Abdias do Nascimento) define o trabalho educativo do TEN?

Abdias: Uma das preocupações e objetivos do Teatro Experimental do Negro foi combater o racismo. O racismo é um fenômeno: cultural e educativo. Sem atingir o sistema educativo, que é por onde começa o racismo, nosso objetivo não seria alcançado. O sistema educativo é o maior engendrador do racismo e um beneficiário do racismo, porque os educadores são brancos imbuídos de uma ideologia racista. A primeira coisa que o TEN tentava impingir era a consciência da educação. O racismo precisa ser combatido através da educação, na educação é que se propaga o racismo.

- 2) “Quando fundamos o Teatro do Negro, ficou desde logo estabelecido que o espetáculo, a pura representação, seria coisa secundária. O principal, para nós, era a **educação**, e esclarecimento do povo” (Nascimento, 1946). Por que a educação tornou-se “principal” no TEN?

Abdias: Porque o sistema educativo oficial engendra o racismo. As instituições assistencialistas que supostamente desenvolviam um trabalho educativo voltado para os negros, não tinha negros. O Teatro Experimental do Negro combatia as instituições assistencialistas e tinha claro que precisava combater o racismo.

- 3) O que o senhor quis dizer com “esclarecimento do povo?” A educação era um veículo para esclarecer o povo?

Abdias: O público que procurava o TEN, os negros que procuravam o Teatro tinham uma consciência do racismo da sociedade brasileira. As empregadas domésticas, os operários, as mulheres negras que se inscreviam nos concursos de beleza. A mulher negra é sempre julgada sobre o ponto de vista da sociedade brasileira, como não tendo beleza.

- 4) A consciência de “educar as massas” (empregadas domésticas, proletários, operários) surgiu antes da fundação do TEN, ou no decorrer da implementação das atividades cênicas, artísticas e políticas?

Abdias: Antes, porque já havíamos feito uma análise da sociedade brasileira e observamos que os valores africanos não têm apreço da sociedade brasileira. Começamos com as aulas de alfabetização, iniciação cultural, cursos de dança e teatro. Nas aulas de alfabetização se lia e discutia as peças. Nunca pudemos desenvolver nosso programa educativo, porque não tínhamos uma sede. Eu não tinha nem onde morar. O Museu de Belas Artes cedia salas para o TEN. As peças eram nosso material pedagógico. Toda a proposta do TEN, mais tarde, estava desaguando no programa do CIEP, governo Brizola, sistema de educação integral, alimentação, tratamento dentário.

- 5) O senhor teve alguma participação nesta proposta educativa dos CIEPS?

Abdias: Somente ideológica.

- 6) Qual foi a influência de Alberto Guerreiro Ramos nas atividades desenvolvidas no Teatro Experimental do Negro?

Abdias: Guerreiro teve muita influência. O TEN era muito pragmático, não tínhamos teoria, tínhamos atitude. O Guerreiro alijou muitas coisas do Iº Congresso do Negro Brasileiro, toda uma literatura folclórica do negro. O próprio Teatro não tinha elaboração teórica, era uma aula direta entre professor e aluno.

- 7) O pensamento de Paulo Freire teve alguma influência na proposta do TEN? Alguma outra influência de Paulo Freire em Abdias?

Abdias: Tivemos muito contato, mas não posso dizer que o TEN influenciou Paulo Freire, ele nunca me disse isso.

- 8) Se o senhor fundasse hoje o Teatro Experimental do Negro, o que modificaria?

Abdias: O IPEAFRO é uma dissidência do TEN, uma continuidade. Hoje, tenho melhores contatos e poderia continuar com as aulas de alfabetização. Não somente para os negros, mas para todos que precisassem. Assim como os CIEPS, o TEN acreditava no ensino integral, com assistência dentária, alimentação.

Anexo XIX

Temário elaborado na Conferência do Negro Brasileiro (1949), a ser discutido no Iº Congresso do Negro Brasileiro (1950). Reportagem do Jornal Quilombo, junho de 1949.

1º Congresso do Negro Brasileiro de 1949

TEMARIO APROVADO POR UNANIMIDADE A 13 DE MAIO DE 1949, NA SESSÃO SOLENE DE ENCERRAMENTO DA CONFERENCIA NACIONAL DO NEGRO

A Conferência Nacional do Negro, considerando a conveniência de se continuar o estudo das questões referentes ao negro e em geral ao homem de cor, em reunião democrática, resolve convocar o 1º Congresso do Negro Brasileiro, iniciativa do Teatro Experimental do Negro, comemorativo do centenário da abolição do tráfico de escravos, entre os dias 26 de agosto e 4 de setembro de 1950, no Distrito Federal.

A Conferência Nacional do Negro convida os escritores, os historiadores, os antropólogos, os folcloristas, os musicistas, os sociólogos e os intelectuais em geral a prestigiar, com a sua colaboração, a realização do Congresso, e pede a cooperação de negros e mulatos, homens do povo, para que o Congresso possa ser representativo das aspirações e tendências gerais da população de cor.

A Comissão Organizadora da Conferência Nacional do Negro, transformada, em virtude desta resolução, em Comissão Central de Coordenação do Congresso, ficará incumbida de nomear, para cada Estado e para o Distrito Federal, Comissões de Preparação locais, que farão a propaganda do Congresso e encaminharão, à Comissão Central de Coordenação, teses, comunicações e sugestões de interessados no certame.

A Comissão Central de Coordenação expedirá as instruções necessárias, preparará o regimento do Congresso e tomará providências para a sua realização na data prevista.

GUERREIRO RAMOS
EDISON CARNEIRO
ABDIAS NASCIMENTO

Temario do 1.º Congresso do Negro Brasileiro

HISTÓRIA

I — Os elementos negros importados. O tráfico de escravos. Distribuição dos africanos no país. Números do tráfico. Estatísticas da população escrava nas províncias. A migração interior de escravos (tráfico interno).

II — Castigos de escravos. Deformações consequentes do trabalho escravo. O escravo nas plantações de cana de açúcar, de café, de algodão. O trabalho nas minas. O trabalho doméstico.

III — Os quilombos e as revoltas de escravos. Palmares. Os negros malês na Bahia. Os balaios. O movimento de fuga das lavouras paulistas.

IV — Contribuição do negro à abolição e à campanha abolicionista. Luiz Gama e José do Patrocínio. As juntas de alforria.

V — O valor do escravo, na África e no Brasil. Os mercados de escravos. As crias.

VI — Os Terços de Homens Pretos (os Henriques). Colaboração do negro na luta contra o invasor holandês. O negro na guerra do Paraguai. O negro nas bandeiras. O homem de cor na Independência Brasileira (1789). Contribuição do negro à Independência. Participação do negro nos movimentos populares de 1822 a 1849. João Cândido e a revolta da Armada (1910). O negro e a FEB.

VII — Figuras eminentes de negros.

VIDA SOCIAL

I — Condições gerais de vida da população de cor. Caracterização social da população negra. Distribuição social e espacial da população de cor.

II — Aspectos demográficos. Crescimento da população de cor. Estado e movimento da população de cor. Natalidade e mortalidade. Mortalidade infantil. A população de cor segundo os recenseamentos da República.

III — Sistema de vida da população de cor. Hábitos alimentares. Habitação. Profissão. Higiene. Educação. Relações sexuais. Poder aquisitivo. Associações culturais, recreativas e beneficentes. Jogos e passatempos. Condições de trabalho.

IV — Aspectos patológicos da população de cor. Criminalidade. Vadiagem, alcoolismo e prostituição. Doenças frequentes na população de cor. Doenças trazidas da África.

V — Status social do negro. O negro e o mulato na literatura, nas ciências e nas artes. O negro nas cidades e nos campos. As favelas. O negro nas forças armadas. O negro e o mulato na Igreja, nas profissões liberais, na indústria e no comércio. Migrações da população de cor. Padrões de vida.

VI — Assimilação e aculturação da população de cor. O contato de raças. Os subtipos resultantes do contato de raças. Importância social e histórica do mulato. O intercâmbio sexual entre as nações africanas. A discriminação de cor, seus motivos, suas consequências, sua importância.

VII — Possibilidades de organização social do negro e do homem de cor, tendo

em vista a elevação do seu nível cultural e econômico. Orientação vocacional do negro e do mulato. Desenvolvimento do espírito associativo.

SOBREVIVÊNCIAS RELIGIOSAS

I — A religião dos nagôs. A religião dos géges. Os candomblés de caboclo. Macumba e Umbanda. O tambor de mina. Os parás. Os xangôs. A cabula. Contribuição do negro à pagelanga. Os ritos funerários. A feitiçaria e a adivinhação. O sincretismo religioso. Processos aculturativos das religiões do negro no Brasil.

II — Organização e funcionamento das casas de culto. Influência da casa de culto na vida civil. Os chefes de seita e sua importância para a população de cor.

III — O curandeirismo.

IV — A música, a dança e o canto rituais.

SOBREVIVÊNCIAS FOLCLÓRICAS

I — Folguedos coletivos. Bumba-meupol. Quilombos. Maracatus. Afósés. Rodas de samba. Makulê. Capitão de mato. O auto dos Congos. O frêvo. Batucadas. Os cordões carnavalescos. Escolas de Samba. O louvor a São Benedito.

II — Disputas dialogadas do negro e do branco. Pal João.

III — Formas de luta. A capoeira de Angola e suas várias formas. O batuque, os catuqueiros e a pernada.

IV — O negro e o mulato no folclore nacional.

V — Os contos populares de procedência africana. As canções de trabalho.

LÍNGUAS

I — O nagô. O gége. A língua de Angola e do Congo (quilbundo). O dialeto mucurumim. As línguas faladas nos anos da escravidão. As línguas faladas atualmente no Brasil.

II — Transformações do quilbundo, do nagô e de outras línguas no Brasil.

III — Modificações devidas às línguas africanas no português do Brasil.

IV — A língua falada e a língua cantada. Vocabulários.

V — Importância do nagô, do gége e do quilbundo nas religiões e nas manifestações coletivas de origem africana em geral.

VI — Sobrevivências linguísticas.

ESTÉTICA

I — O negro e a criação estética.

II — O negro e a escravidão como temas de literatura, poesia, teatro, artes plásticas.

III — Particularidades e sobrevivências emocionais do negro.

IV — Integração e participação do negro e do homem de cor na evolução geral das artes no Brasil.

V — A literatura, poesia, teatro, artes plásticas a serviço da causa abolicionista.

VI — As artes em geral como meio de valorização social do negro e do homem de cor.

Anexo XX

Entrevista realizada com a atriz Ruth de Souza
no dia 07 de setembro de 2005.

Transcrição da Entrevista com Ruth de Souza, realizada em sua residência no dia 07 de setembro de 2005.

1. O que foi o Teatro Experimental do Negro? Quando foi fundado? Por quem foi fundado? Por que, qual o objetivo?

Ruth: Olha, primeiro o seguinte, eu soube da existência do Teatro Experimental do Negro por uma entrevista numa revista que se chamava Revista Rio, que era uma revista que falava dos eventos sociais, do doutor Roberto Marinho. Eu, não sei porque, e olha que sempre gostei de saber notícias das socialites, olhei por curiosidade, curiosidade (Risos). Então achava bonito o glamour das pessoas elegantes, da época. Então, fui lá, sempre tive vontade de fazer teatro, adorava cinema, aí fui um dia na Praia de Botafogo que era 132, que era a UNE, União Nacional dos Estudantes, onde os estudantes se viam na sala dos ensaios do Teatro Experimental do Negro. Porque, o Teatro Experimental já tinha sido fundado. Abdias do Nascimento e Aguinaldo Camargo estavam já começando a escolher elenco para fazer o Imperador Jones, do O' Neill. Aí, eu cheguei lá fiz teste, passei pra fazer um personagenzinho que atravessava o palco. Nada, era só uma passagem, a única mulher da peça, que passava atravessando o palco. Dali, entrei pro Teatro Experimental do Negro e fiquei, que era a minha intenção sempre, foi ser atriz. Então eu vi ali a minha oportunidade de começar a trabalhar com teatro, foi assim que comecei no teatro. O Teatro Experimental do Negro na minha opinião, na minha visão, foi importantíssimo porque até então não havia ator negro nos teatros e nos cinemas. Então, eu sempre tive aquela, aquela, aquele entusiasmo de ajudar de colaborar, então durante cinco anos nós ficamos montando peças no Teatro do Negro, aí Abdias inventou concursos de negras e concursos de mulatas e tinha várias convenções de negros, mas eu nunca participei muito disso, porque sinceramente não era meu interesse, meu interesse era ser atriz.

2. Por que o Teatro?

Ruth: Não tenho dúvida, eu acho que o teatro é muito importante pro país, no caso o teatro brasileiro mostrar nossas coisas brasileiras, as nossas reivindicações, as críticas, eu acho o teatro a base, eu acho que todo mundo que faz teatro, faz um bom cinema, uma boa televisão. O teatro é a base. O Teatro Experimental do Negro foi uma forma, porque o teatro é uma, uma, como posso dizer, é um chamariz, todo mundo quer ser ator, é uma coisa mágica, todo mundo quer ser. Então se vê. Uma vez conversando com um diretor da Unirio, ele disse tem vaga pra cenógrafo, pra diretor, mas todo mundo quer ser ator, na vaga de ator está cheio. Quer dizer, essa magia, a vaidade mistura junto com o talento e todo mundo quer ser ator e esquece de ser um bom diretor, um bom cenógrafo, um bom contra-regra, porque o teatro envolve várias outras profissões e às vezes as pessoas se esquecem. Então eu acho que o teatro é muito importante para falar do nosso povo, muito importante para falar da nossa gente, e uma forma muito interessante da idéia de Abdias do Nascimento de fundar o Teatro Experimental

do Negro, eu não sei as razões dele, não sei, porque eu te confesso nunca me preocupei com raça não, porque na minha visão sempre vi gente, o ser humano e nunca compreendi porque você não pode gostar de mim porque sou negra, você pode não gostar porque minha cara feia ou sou mal educada, qualquer coisa, mas não pela raça. Mas, infelizmente o Brasil tem dessas coisas, preconceito num país tão misturado, tão bonita a nossa gente. Por causa dessa misturada que tem essa salada de raças, né? Mas o Teatro Experimental do Negro foi muito importante para provar que o negro podia ser ator. Eu tinha apoio de gente, que dizendo os nomes parece mentira era Pascoal Carlos Magno, no teatro, era Vinícius de Moraes que estava sempre com a gente, Jorge Amado, Nelson Rodrigues, me lembro de Nelson Rodrigues dizendo pra mim quando ganhei a bolsa pros Estados Unidos, estava insegura sabe sozinha, aquela coisa, Você vai que vai ser muito bom pra você, se você não for eu troco de mal com você (risos). E aí Pascoal me indicou pro meu trabalho, que tinha um encontro na cidade, se encontravam em frente a ABI, muita gente, todo mundo ali desde Portinari, Bruno Giorgio. Todo mundo de tarde, saía ali do Museu de Belas Artes, tinha ali um estúdio onde trabalhavam e misturavam com jornalistas que desciam da ABI. Era um momento do Rio lindo, que eu tenho muita saudade.

3. Como se deu a repercussão do Teatro Experimental do Negro no contexto da época? Imprensa? Sociedade?

Ruth: O Teatro Negro teve uma repercussão muito grande, foi o que chamo um espanto, porque esses negros estavam fazendo Eugene O' Neill, estavam fazendo Shakespeare. Nós não tínhamos dinheiro, o Teatro do Negro não tinha dinheiro pra montagem, como sempre, até hoje, o teatro fica correndo atrás de patrocinadores. Então eu disse, porque não escreve para O' Neill solicitando os direitos autorais da peça. Então os jornais publicaram, imagina o genro do Charles Chaplin, ele (O' Neill) estava casado com a filha do Charles Chaplin cedendo os direitos autorais pros negros. Pascoal Carlos Magno foi uma pessoa que deu força o tempo inteiro, quando não tinha dinheiro para montagem do Imperador Jones. Eu fui a todas as embaixadas que existiam no Rio de Janeiro, vendendo ingresso em nome do Pascoal. Pascoal me deu uma lista, para trazer dinheiro para montagem do Imperador Jones. Então eu trabalhava muito, eu era um boy também que ia distribuir divulgação nos jornais de amigos Carlos Lacerda, Samuel Weiner e sempre via o Doutor Roberto Marinho, nunca sabia que mais tarde ele ia ser o maior patrão do mundo para mim, que eu considero (risos). Então toda essa gente eu fui conhecendo e todo mundo tinha um carinho muito grande, aí que eu digo que talvez a minha postura ajudou muito minha carreira, porque Pascoal Carlos Magno arranhou uma bolsa de estudos nos Estados Unidos. Ofereceram uma bolsa de estudos para o Teatro do Estudante, estava Sérgio Brito, Sérgio Cardoso, Natália Timberg toda aquela gama de gente, de estudantada. Daí deslanchou minha carreira. Dentro destes cinco anos que fiquei no Teatro Experimental do Negro, fizemos uma peça por ano e logo depois saí do teatro. (Pausa) Saí do Teatro Experimental do Negro, quando começou uma ligação do TE junto com “Os Comediantes” que iam montar Terras do Sem Fim de Jorge Amado, então a primeira vez que um grupo de negros misturados no elenco dos comediantes e Jorge Amado lá todo dia com a gente e tal. Ele que eu chamo meu primeiro padrinho cinematográfico, porque quando ele vendeu os direitos para a Atlântida,

ele indicou meu nome para fazer o mesmo personagem que eu fiz no teatro. Falei demais, não sei...

4. O que é um Teatro Negro? Composto por atores negros? Diretores negros?

Ruth: Olha, eu vou contar uma coisa que aconteceu na peça que eu comprei os direitos, que se chama “Os cantores da glória” (Título em Inglês). Comprei baratíssimo. O Gladston Hugues que eu conheci lá em Cleveland, Ohio. Foi lá lançar um livro e disse, ah eu queria tanto montar esta peça, só que ele morreu, passaram-se uns anos, aí um dia recebi a peça e a tradução e comprei os direitos da peça, por três anos para montar. Me indicaram uma firma, que patrocina todo mundo e que eu ia conseguir um patrocínio e a resposta veio uma carta: que infelizmente as firmas não patrocinavam o teatro não tradicional, eu não sei o que que era o teatro não tradicional. Então eu atribuí a um teatro com elenco negro. Então teatro negro não existe, teatro é teatro, japonês, é negro, qualquer cor, qualquer raça. Sempre esta marca do Teatro Experimental do Negro é porque no caso do Abdias do Nascimento, sempre muito exigente e briguento com relação à raça. Então Teatro Experimental do Negro, ou Teatro Negro. Não, então vamos chamar “As filhas do vento” de cinema negro, porque só tem negros por um diretor negro, eu acho isso bobagem. Eu estou te dizendo, acho que sou diferente de todo mundo (risos), porque eu não vejo. Teatro é teatro, assim como cinema é cinema. Teatro do Negro dá um tom de negros, ah são os negros. Na minha visão, o Teatro Experimental do Negro foi importante no sentido de provar que o negro podia ser ator. Porque até então não havia. Poucas eram as companhias de teatro e o elenco era fixo. Quando tinha aquelas peças que tinham o “moleque de recado”, ou tinha o “pai João”, a “mãe Maria”, aqueles tipos de estereótipos e aí botavam um ator no elenco, branco pintava a cara de preto no palco. Foi importantíssimo o Teatro Experimental do Negro para acabar com isso.